


ESTRATÉGIAS RETÓRICAS EM INTRODUÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS NA ÁREA DE PSICOLOGIA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-424>

Data de submissão: 26/11/2024

Data de publicação: 26/12/2024

Benedito Gomes Bezerra

Doutor em Letras/Linguística

Universidade de Pernambuco / UPE

E-mail: benedito.bezerra@upe.br

ORCID: 0000-0002-7382-0937

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7286734462024652>

Ralph José da Silva

Graduado em Letras

Universidade Católica de Pernambuco

E-mail: ralph_jose@outlook.com

ORCID: 0009-0000-6801-7763

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4137444532272084>

Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo

Doutora em Letras/Linguística

Universidade de Pernambuco / UPE

E-mail: amanda.ledo@upe.br

ORCID: 0000-0002-7178-9796

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4089661844410131>

Jaciara Josefa Gomes

Doutora em Letras/Linguística

Universidade de Pernambuco / UPE

E-mail: jaciara.gomes@upe.br

ORCID: 0000-0001-7887-3918

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3636179182110927>

RESUMO

A introdução do artigo científico é um convite à leitura do trabalho completo. As estratégias retóricas mobilizadas em sua composição exercem influência determinante no convencimento de eventuais leitores para que se interessem pelo tema da pesquisa. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi analisar, à luz do Modelo CARS (Swales, 1990; 2004), os movimentos e passos retóricos presentes em introduções de artigos científicos produzidos por pesquisadores da área de psicologia. Para tanto, foram coletadas, em seis periódicos da área disciplinar de psicologia, as introduções de 30 artigos científicos publicados nos anos de 2021 e 2022, em língua portuguesa. Os resultados confirmam a pertinência dos movimentos retóricos previstos pelo modelo de análise e revelam uma elevada recorrência de alguns passos, enquanto outros se mostraram pouco frequentes. No todo, os resultados sinalizam tanto as preferências quanto às particularidades retóricas predominantes na área disciplinar investigada.

Palavras-chave: Artigo científico; introdução; organização retórica; análise de movimentos.

1 INTRODUÇÃO

Situada após o título, resumo e palavras-chave, a seção de introdução, no corpo do artigo científico, representa o primeiro contato do leitor com a obra completa, servindo como “porta de entrada” (Ritti-Dias; Bezerra, 2013) para o trabalho propriamente dito. Nesse sentido, a introdução do artigo proporciona ao leitor uma visão inicial abrangente, delineando o escopo, propósito e relevância da pesquisa a ser apresentada.

A partir da leitura da introdução, o leitor entrará em contato com estratégias sociorretóricas que podem influenciá-lo a continuar a leitura do trabalho que será apresentado, e a maneira persuasiva como o autor do artigo científico redige a introdução tem bastante relevância nessa decisão. Nesse sentido, na escrita desta seção do artigo científico, a realização de movimentos retóricos capazes de dialogar com as expectativas do leitor exerce um papel essencial.

A fim de captar tais movimentos, Swales (1990) desenvolveu o Modelo CARS (em inglês, *Create a Research Space* – “crie um espaço de pesquisa”), uma ferramenta metodológica para a análise de gêneros que possibilita a identificação dos movimentos e passos retóricos presentes na introdução do artigo de pesquisa. O modelo tem sido testado e aplicado em diversas áreas disciplinares e em diferentes contextos culturais, com adaptações que ressaltam seu caráter flexível e dinâmico, o que justifica sua utilização na metodologia desta pesquisa.

Entretanto, o Modelo CARS não pressupõe uma uniformidade na escrita acadêmica das diferentes áreas disciplinares. É corrente entre os analistas de gênero que existem peculiaridades e diferenças na maneira como se pratica a escrita acadêmica nas diferentes culturas disciplinares. Ao analisar introduções de artigos em uma determinada área, pressupõe-se que a variação é um dado previsível. Entre os diversos estudos que aplicam o Modelo CARS à análise de introduções de artigos científicos, percebemos que são raros os que se referem a pesquisas voltadas para os artigos científicos da área de psicologia. Uma exceção a isso é representada pelos trabalhos de Abreu (2016) e Bernardino e Abreu (2017), discutidos adiante.

Assim, com o intuito de ampliar e aprofundar a compreensão das introduções de artigos científicos na área da psicologia, nosso objetivo foi analisar os movimentos e passos retóricos praticados por escritores proficientes nessa área disciplinar. Para isso, empregamos uma versão ampliada do Modelo CARS (1990; 2004), procurando também identificar os elementos léxico-gramaticais que sinalizam os movimentos e passos retóricos predominantes nas introduções, permitindo-nos assim a descrição dos padrões retóricos que caracterizam a organização da introdução do artigo de pesquisa em psicologia.

Para isso, nosso trabalho está dividido em seis tópicos além desta introdução. Na próxima seção, fundamentamos teoricamente nossa concepção de gênero. Em seguida, apresentamos nosso entendimento sobre a relação entre o gênero artigo científico e a cultura disciplinar. Na última seção teórica, apresentaremos uma breve revisão de estudos que aplicaram o Modelo CARS (1990) em introduções de artigos de diversas áreas, com o intuito de demonstrar a flexibilidade dessa metodologia e as influências da cultura disciplinar na escrita do artigo científico. Depois disso, explicitamos nossos procedimentos metodológicos e, em seguida, apresentamos e discutimos os resultados da análise do *corpus*. Por fim, tecemos nossas considerações finais sobre a pesquisa realizada.

2 O GÊNERO EM PERSPECTIVA SOCIORRETÓRICA

O gênero é multifacetado. Por um lado, há um conjunto de traços textuais e estruturais passíveis de categorização, o que podemos conceber como a expressão material do gênero. Por outro, a noção de gênero é muito mais complexa, ao considerar o papel de pessoas, grupos e contextos na construção de sentidos. Assim, podemos conceber, com Bazerman (2006), que o gênero é tanto uma categoria sociointerativa, aberta à construção conjunta e à criatividade, quanto uma categoria sócio-histórica, não estanque e em constante mudança. Ao buscarmos apreender a complexidade do gênero, percebemos que ele não pode ser visto como uma cristalização formal no tempo, e sim como fruto de um processo muito complexo que envolve pessoas, contextos e propósitos comunicativos.

Nesse sentido, Bazerman (2006) argumenta que os gêneros emolduram a ação social. Através deles, não apenas expressamos pensamentos, mas interagimos e nos comunicamos de modo reciprocamente inteligível. Assim, de acordo com o autor, os gêneros significam os cenários familiares nos quais nos engajamos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros, além de servirem como orientação para explorar situações não familiares. Também representam os contextos nos quais o significado é construído e simbolizam as estratégias de que lançamos mão para realizar um propósito.

Em uma direção coerente com Bazerman (2006), Marcuschi (2002) concebia os gêneros como atualizados em formas comunicativas de ação social, que são relativamente estáveis e realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. Segundo o pesquisador, esses fenômenos históricos e sociais, influenciados pela cultura e vida coletiva, desempenham um papel fundamental na organização das atividades comunicativas cotidianas, sendo indispensáveis em qualquer contexto comunicativo. Marcuschi (2002) alerta que os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, e sim eventos textuais/discursivos altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

De acordo com Swales (1990), o autor cuja metodologia de análise de gêneros utilizamos neste trabalho, há cinco características inerentes ao gênero. Em primeiro lugar, o gênero é visto como uma classe de eventos comunicativos, nos quais a linguagem desempenha um papel crucial. Para a compreensão do gênero, devem ser levados em conta os participantes do evento comunicativo, o papel do discurso, o contexto de produção e recepção e o contexto histórico e cultural.

Em segundo lugar, Swales (1990) destaca que a característica principal que diferencia um gênero é a existência de um conjunto compartilhado de propósitos comunicativos. Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012) argumentam que essa característica não deve ser confundida com a intenção do autor ou escritor. Conforme os pesquisadores, o propósito comunicativo não é algo individual, mas sim determinado convencionalmente pela sociedade ou comunidade. Os gêneros e seus propósitos comunicativos são moldados por práticas sociais específicas, que variam de acordo com contextos culturais bem definidos.

Como terceira característica, Swales (1990) observa que os textos participantes de um gênero variam em sua prototipicidade, apresentando formas específicas que os distinguem uns dos outros. Tais variações são influenciadas por fatores como contexto cultural, propósito comunicativo e preferências individuais dos participantes. Reconhecer essas variações é fundamental para compreender a diversidade de gêneros e como são utilizados em diferentes situações.

A quarta característica ressaltada por Swales (1990) é que cada gênero possui uma estrutura lógica subjacente que impõe restrições específicas em relação ao que pode ser incluído em seu conteúdo, como esse conteúdo é organizado e como é apresentado do ponto de vista formal. Essas restrições são determinadas pelas convenções e expectativas associadas ao gênero. A lógica subjacente a um gênero não apenas influencia seu conteúdo, mas também sua estrutura e estilo, garantindo consistência e compreensão dentro da comunidade que o utiliza.

Por fim, como última característica, Swales (1990) enfatiza que tende a haver uma nomenclatura consensual para os gêneros dentro de uma comunidade discursiva, servindo como uma pista relevante para entender seu funcionamento. É que tal nomenclatura funciona como um guia que orienta os membros da comunidade sobre como se comunicar dentro das normas e expectativas estabelecidas por ela.

Em suma, Swales (1990) concebe que

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros partilham um dado conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade de discurso e com isso constituem a base lógica para o gênero. Essa base modela a estrutura esquemática do discurso, influencia e condiciona a escolha do conteúdo e do estilo (Swales, 1990, p. 58).

Nesse contexto, Marcuschi (2002) lembra que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Segundo o autor, as características principais dos gêneros são suas funções comunicativas, cognitivas e sociais, em vez de suas características linguísticas e estruturais. Definir gêneros precisa e formalmente é desafiador, pois requer a consideração de seus usos e influências, que são moldados como práticas sociais e discursivas.

Por outro lado, Ritti-Dias e Bezerra (2013) argumentam que, embora a criatividade e o estilo pessoal se manifestem nos gêneros, estes também refletem características definidas pela comunidade discursiva em que são utilizados e pelos objetivos específicos dessas atividades em que são mobilizados. Isso resulta em certa estabilidade tanto formal quanto retórica, mas não garante uma uniformidade na produção de um dado gênero por diferentes comunidades discursivas, muito menos por diferentes pesquisadores. Assim, tem sido consensual nas abordagens de gênero que cada cultura disciplinar, a exemplo da área de psicologia, pode apresentar peculiaridades na mobilização de estratégias retóricas para a escrita acadêmica. As análises do gênero artigo científico, no todo ou em suas partes, a exemplo da seção de introdução, seguem essa premissa.

3 O GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO E AS CULTURAS DISCIPLINARES

A partir do exposto, podemos conceber que o artigo científico não é apenas, ou necessariamente, um conjunto de textos semelhantes, mas constitui uma prática discursiva socialmente compartilhada, que cria e influencia interações, nas fronteiras de uma espécie de padrão geral do gênero. Os participantes de uma comunidade científica específica, ao produzirem um artigo, devem alinhar-se às crenças, valores e práticas do seu meio para serem bem-sucedidos, o que não impede certa flexibilidade, desde que a escrita se mantenha, de alguma forma, dentro das expectativas da cultura disciplinar (Brasileiro *et al.*, 2022). Nesse sentido, Bazerman (2020, p. 96) concebe que o artigo científico “muda à medida que se movimenta entre épocas, localidades e especialidades, com pressuposições, dinâmicas e necessidades diferentes, bem como práticas materiais diversas representadas nos dados e na narrativa”.

Conforme Hyland (2000), a construção do conhecimento varia de acordo com as particularidades de cada cultura disciplinar. Considerando a diversidade típica da academia, podemos afirmar que ela é composta por distintas comunidades ou grupos sociais, referidos pelo autor como criadores e detentores de culturas disciplinares. A definição das disciplinas, segundo Hyland (2000), está intrinsecamente ligada à sua abordagem da escrita, devendo-se observar que a diferenciação entre disciplinas não reside no conteúdo escrito, mas sim na maneira como a escrita é desenvolvida e avaliada pelos participantes.

Assim, a escrita acadêmica é moldada por influências institucionais e interpessoais, refletindo as práticas sociais dos escritores em suas respectivas disciplinas. Essas culturas disciplinares variam em termos sociais e cognitivos, apresentando diferenças nos objetivos, nas interações sociais, nas dinâmicas de poder, nos interesses políticos, nos estilos de comunicação e nas estruturas argumentativas (Freitas; Bernardino; Pacheco, 2021). Isto repercute, do ponto de vista da escrita, na maneira como cada cultura disciplinar mobiliza estratégias retóricas na introdução do artigo de pesquisa, nosso objeto de estudo.

Silva e Pacheco (2019) destacam que a escrita acadêmica deve ser entendida em sua heterogeneidade, abordando diversos modos de produção e consumo dos gêneros acadêmicos. Os autores destacam que a premissa central é de que as características distintivas das culturas disciplinares são essenciais para a realização desses gêneros. Nesse sentido, considerando que as peculiaridades de cada cultura disciplinar se refletem em seu modo de lidar com os gêneros, podemos conceber que cada comunidade científica apresenta uma maneira distinta de escrever e, portanto, as estratégias retóricas utilizadas na elaboração da introdução do artigo científico variam entre áreas do conhecimento. De fato, os próprios estudos de Swales (2004) indicam que, ainda que concordem na realização dos principais movimentos retóricos, certas áreas podem valorizar passos que são pouco praticadas por outras.

4 A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DA INTRODUÇÃO DO ARTIGO CIENTÍFICO EM DIFERENTES ÁREAS

Como temos argumentado, a introdução do artigo científico é uma seção estratégica, em que os escritores não se limitam a descrever o trabalho, mas empregam diferentes estratégias retóricas para alcançar os propósitos comunicativos do gênero. Ritti-Dias e Bezerra (2013) ressaltam que a introdução tem o propósito de contextualizar e situar o texto, implicitamente argumentando a favor da leitura do trabalho completo. Nesse sentido, Swales (1990) observa que os movimentos retóricos refletem os propósitos comunicativos compartilhados pela comunidade acadêmica, de modo que se atribui uma motivação funcional às escolhas de forma, conteúdo e estilo.

Segundo Bezerra, Silva e Lêdo (2021), as estratégias empregadas desempenham um papel fundamental na elaboração da seção de introdução de um artigo científico. Nessa seção, é esperado que o pesquisador, entre outras ações possíveis, ressalte a relevância da pesquisa, contextualize o tema em um âmbito mais geral, realize uma breve revisão da literatura pertinente, defina claramente o objetivo do estudo e ofereça uma visão geral da estrutura do texto. Esses elementos são cruciais para

orientar o leitor e estabelecer o contexto necessário para compreender a contribuição do estudo que será apresentado.

A organização retórica da introdução do artigo científico tem sido investigada em diversas áreas disciplinares, com resultados tanto similares como distintos. Na área de educação física, segundo Silva e Pacheco (2019), ela apresentou-se como uma seção breve e objetiva. Nessa área, a seção de introdução se inicia com uma revisão de literatura, destacando as lacunas teóricas existentes quanto ao tema investigado. Em seguida, são evidenciados os problemas que impulsionaram o estudo, resultando na explicitação dos objetivos da pesquisa.

Já na área de história, após analisar a configuração sociorretórica da seção de introdução do artigo científico, Freitas, Bernardino e Pacheco (2021) observaram que a seção geralmente começa com a contextualização histórica do tema, seguida da apresentação de pesquisas, obras e autores relacionados. Em seguida, são expostos os objetivos da investigação e o método utilizado.

Na área de nutrição, Pacheco e Bernardino (2017) observaram que a introdução do artigo se mostrou uma unidade retórica breve, concisa e objetiva, contudo, fundamental na configuração sociorretórica do gênero, inclusive por não haver uma seção do artigo voltada exclusivamente para a revisão de literatura. De acordo com os autores, na introdução do artigo científico na área de Nutrição, o tema é apresentado por meio de uma breve revisão de literatura, evidenciando as referências teóricas que os autores consideram mais relevantes para a construção do seu estudo.

Quanto a estudos anteriores sobre a área de psicologia, Abreu (2016) e Bernardino e Abreu (2017), analisando um *corpus* de 30 artigos, concluíram que a seção de introdução geralmente descreve o tema da pesquisa, realiza uma extensa revisão de literatura e apresenta os objetivos do trabalho de maneira clara. Entretanto, ao optarem pela proposição de um modelo descritivo próprio, composto por dois movimentos (“Fazendo referência a pesquisas anteriores” e “Apresentando a pesquisa”, este com a especificação dos passos “Apresentando o tema” e “Apresentando os objetivos”), os autores parecem ignorar parte importante dos dados obtidos por meio do Modelo CARS. Segundo os próprios pesquisadores, “o modelo que mais se adequou à análise de nosso corpus foi o proposto por Swales (1990)” (Bernardino; Abreu, 2017, p. 473).

Nesse sentido, este trabalho, também debruçado sobre um *corpus* de 30 introduções de artigos da área de psicologia, segue uma direção diferente do estudo de Abreu (2016) e Bernardino e Abreu (2017) por reafirmar a centralidade do Modelo CARS para a análise de introduções. Além disso, para captar o máximo possível de estratégias retóricas empregadas pelos escritores da área de psicologia, utilizamos uma versão ampliada do modelo, levando em conta o trabalho posterior de Swales (2004),

conforme explicamos adiante, no tópico dedicado à explicitação de nossos procedimentos metodológicos.

É importante pontuar que, em estudos com análise de movimentos, aplicando o Modelo CARS (Swales, 1990), não é incomum se perceber que a escrita da introdução em cada cultura disciplinar pode apresentar estratégias retóricas não previstas pelo modelo de análise. Em nossa experiência, isso pode ser minimizado utilizando-se os passos adicionais sugeridos por Swales (2004), como exemplificado em Bezerra (2022). Independentemente disso, pode-se afirmar que, em termos mais gerais, o Modelo CARS tem se mostrado proveitoso ao ser utilizado como uma ferramenta flexível para a compreensão da organização retórica da introdução do artigo científico em diversas áreas. Como ressaltado por Moreno e Swales (2018) e Lêdo, Bezerra e Pimentel (2023), há considerável consenso sobre a estrutura de três movimentos retóricos na introdução, ao contrário do que ocorre quando se trata de outras seções do artigo, como as considerações finais, por exemplo.

Com esse entendimento, avançamos para a explicitação de nossa metodologia, onde detalharemos os procedimentos adotados para a análise do *corpus*.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método utilizado neste estudo é a análise de movimentos originada nos trabalhos de Swales (1990), quando da publicação da versão “clássica” do modelo CARS, com três movimentos retóricos, após uma experiência anterior com um modelo de quatro movimentos (Swales, 1981; 1984). Hoje, tal metodologia se encontra consolidada internacionalmente e tem sido aplicada a diferentes gêneros, resultando em diferentes modelos de análise para atender às peculiaridades desses gêneros.

Para a composição de nosso *corpus*, selecionamos cinco periódicos científicos, situados nos estratos A1 e A2 do sistema Qualis/Capes (quadriênio 2017-2020). A opção pelos estratos mais elevados se justifica pela intenção de tomar como objeto da análise textos cuja qualidade é formalmente atestada pela comunidade discursiva de origem. Nesses periódicos, selecionamos apenas artigos científicos redigidos em língua portuguesa, publicados nos anos de 2021 e 2022, pela ordem em que apareciam nos respectivos sumários. Foram coletados 30 artigos de pesquisa, cujas introduções foram analisadas por meio do modelo CARS. Para fins de referência ao longo da análise, as introduções foram codificadas como A1, A2, A3... até A30, em que A refere-se a “artigo”.

Após essa etapa, procedemos a análise dos dados, buscando analisar as principais ocorrências de estratégias retóricas nas introduções. Em um quadro organizado de A1 a A30, marcamos um “x” quando havia a ocorrência de um determinado passo e deixamos em branco quando não havia. Com base em Bezerra (2022), a versão do modelo CARS que utilizamos para o tratamento dos dados

combina a versão de 1990 e os passos adicionais identificados por Swales (2004), o que nos permitiu uma análise mais detalhada da organização retórica das introduções. Para maior clareza, na ferramenta sugerida por Bezerra (2022), os passos oriundos da revisão efetivada por Swales (2004) são postos entre colchetes aos serem incorporados ao modelo de análise, como se vê no Quadro 1:

Quadro 1: Versão ampliada do Modelo CARS

Movimento 1: Estabelecendo um território
Passo 1: Reivindicando centralidade
Passo 2: Fazendo generalizações sobre o tema
Passo 3: Resenhando pesquisas anteriores
Movimento 2 – Estabelecendo um nicho
Passo 1A: Contra-argumentando
Passo 1B: Indicando uma lacuna
Passo 1C: Levantando questionamentos
Passo 1D: Continuando uma tradição
[Passo 2: Apresentando justificativa]
Movimento 3 – Ocupando o nicho
Passo 1A: Esboçando propósitos
Passo 1B: Anunciando a presente pesquisa
Passo 2: Anunciando os principais resultados
[Passo 2A: Apresentando hipóteses ou questões de pesquisa]
Passo 3: Indicando a estrutura do artigo
[Passo 3A: Esclarecendo conceitos]
[Passo 4: Resumindo a metodologia]
[Passo 5: Reafirmando o valor da pesquisa]

Fonte: Swales (1990; 2004), com adaptação de Bezerra (2022)

O modelo CARS (Swales, 1990) utiliza uma metáfora ecológica, ambiental, com foco nos conceitos de território, mais amplo, e nicho, mais específico. As três partes maiores que o compõem são chamadas de movimentos (*moves*, em inglês). Trata-se do Movimento 1 (M1), “Estabelecendo um território”, Movimento 2 (M2), “Estabelecendo um nicho” e Movimento 3 (M3), “Ocupando o nicho”.

Em linhas gerais, o Movimento 1 é empregado pelo autor do texto para introduzir, de maneira mais genérica, a área em que a pesquisa se insere. Em seguida, no Movimento 2, o nicho a ser pesquisado é definido dentro do território previamente estabelecido. Por fim, por meio do Movimento 3, é apresentada uma proposta para ocupar o nicho, visto como uma forma de justificar ou indicar o espaço a ser ocupado pela pesquisa.

Cada movimento retórico, por sua vez, é realizado por meio de estratégias chamadas de passos (*steps*, em inglês), que são unidades menores responsáveis pela construção das informações específicas de cada movimento. Como se pode verificar no quadro, os três movimentos comportam um total de dezesseis passos retóricos, dentre os quais onze compunham a forma original do modelo CARS (1990) e cinco foram acrescentados a partir de Swales (2004). Para a realização de M1, o autor da introdução

dispõe de três passos; para realizar M2, há cinco passos possíveis; e para M3, há um leque de oito estratégias disponíveis. Cabe observar que a mobilização de um único passo é suficiente para caracterizar a ocorrência do respectivo movimento retórico.

Após o tratamento dos dados, com a utilização do modelo, o padrão descritivo resultante, representativo da área de psicologia, foi analisado considerando a presença de elementos linguísticos que indiciam os movimentos e passos retóricos nas introduções. Após a apresentação de um quadro geral dos resultados, os passos mais frequentes no *corpus* são ilustrados e discutidos por meio de excertos dos respectivos textos.

6 MOVIMENTOS E PASSOS RETÓRICOS NA INTRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DE PSICOLOGIA: O QUE DIZEM OS DADOS

Na discussão a seguir, por uma questão de foco e de limitação do espaço, após uma apreciação geral dos resultados, optamos por destacar os passos mais recorrentes em cada movimento retórico. Assim, buscamos ressaltar as opções preferenciais da comunidade acadêmica de psicologia ao construir a introdução do artigo científico. O Quadro 2 possibilita uma visão geral dos resultados.

Quadro 2: Organização retórica da introdução de artigos científicos em psicologia

MOVIMENTOS E PASSOS RETÓRICOS	OCORRÊNCIAS
M1 – Estabelecendo um território	
P1 – Reivindicando centralidade	5
P2 – Fazendo generalizações sobre o tópico	15
P3 – Resenhando pesquisas anteriores	30
M2 – Estabelecendo um nicho	
P1A – Contra-argumentando	2
P1B – Indicando uma lacuna	8
P1C – Levantando questionamentos	8
P1D – Continuando uma tradição	6
[P2 – Apresentando justificativa]	20
M3 – Ocupando o nicho	
P1A – Esboçando propósitos (objetivos)	27
P1B – Anunciando a presente pesquisa	14
P2 – Anunciando os principais achados	4
[P2A – Apresentando hipóteses ou questões de pesquisa]	5
P3 – Indicando a estrutura do artigo	7
[P3A – Esclarecendo conceitos]	14
[P4 – Resumindo a metodologia]	7
[P5 – Reafirmando o valor da pesquisa]	7

Fonte: Elaboração dos autores

A primeira observação a ser feita, considerando o quadro, é a sobre a inequívoca confirmação do poder preditivo do modelo de análise, no que diz respeito à realização dos três movimentos retóricos. Nesse sentido, nossos dados confirmam que as introduções de artigos científicos da área de

psicologia seguem, no geral, um padrão previsível, de acordo com convenções que perpassam diversas outras culturas disciplinares já estudadas por essa perspectiva. No sentido em que Swales (1990) e Kanoksilapatham (2023) utilizam o termo, podemos afirmar que os três movimentos retóricos previstos pelo modelo CARS são obrigatórios do ponto de vista dos autores de artigos científicos na área de psicologia.

Quanto aos passos retóricos realizados em cada movimento, embora todos eles costumem ser considerados como opcionais, podemos argumentar que M1P3, “Resenhando pesquisas anteriores”, foge a essa norma e pode ser classificado como obrigatório do ponto de vista dos autores em nosso *corpus*, já que é o único passo recorrente na totalidade dos textos. De acordo com esse dado, a introdução do artigo é um lugar privilegiado e necessário para o diálogo com pesquisas anteriores sobre a temática que se deseja abordar. Segue-se um exemplo desse passo, em que o referencial teórico do trabalho é evocado por meio de uma citação direta.

Excerto 1: M1P3 (A16) – Resenhando pesquisas anteriores

Na tradição marxista à qual nos vinculamos, *conforme discute ainda Siqueira (2014)*, a pobreza é compreendida não apenas como uma manifestação da “questão social”, mas como “resultado da relação de exploração entre capital e trabalho inerente ao modo de produção capitalista” (p. 246) [...]

Com a realização desse passo, presente em todos os textos, os autores da cultura disciplinar de psicologia reconhecem a importância de discorrer sobre trabalhos que se relacionem com o objeto de sua pesquisa ou que dão suporte teórico a ela. No excerto, percebemos que, além de citar uma fonte academicamente credenciada, o autor valoriza e explicitamente se vincula ao posicionamento teórico do pesquisador citado. De acordo com nossos dados, a mobilização de M1P3 indica tanto a busca pela legitimação da pesquisa quanto a intenção de situar o trabalho proposto dentro de um “território” mais amplo. O uso estratégico de referências não só reforça a credibilidade e a relevância do estudo, mas também proporciona uma base sólida para a argumentação.

Ainda no movimento inicial, outra estratégia bastante frequente foi M1P2, “Fazendo generalizações sobre o tópico”, presente em 15 introduções, ou seja, na metade dos textos. De acordo com Swales (1990), esse passo tende a apresentar proposições gerais mais neutras ou consensuais, referindo-se a conhecimentos, práticas ou fenômenos. O recorte a seguir é uma ilustração dessa estratégia.

Excerto 2: M1P2 (A26) – Fazendo generalizações sobre o tópico

Inovações tecnológicas sempre são acompanhadas de inúmeros sentimentos e percepções pela sociedade. A internet e as redes sociais virtuais são um exemplo recente de como tais adventos mobilizam diferentes pensamentos e afetos entre os indivíduos.

Como se pode observar, as afirmações contidas no excerto parecem supor um consenso na comunidade discursiva, e a forma de como são postas sugere que não há necessidade de serem fundamentadas.

No Movimento 1, portanto, os passos 3 e 2 constituíram, com 30 e 15 ocorrências respectivamente, as estratégias preferidas pelos autores dos textos analisados para situar seus trabalhos no território selecionado para a pesquisa: revisando pesquisas anteriores e fazendo afirmações genéricas sobre os temas abordados. Nesse movimento, M1P1, “Reivindicando centralidade” se mostra como um passo opcional, tendo ocorrido apenas 5 vezes no *corpus*.

Quanto ao Movimento 2, a estratégia mais frequente foi, curiosamente, um passo classificado como opcional no modelo revisado por Swales (2004). Em nossa amostra, foram verificadas 20 ocorrências de M2P2, “Apresentando justificativa”, em que a realização do estudo proposto é descrita como algo positivo e mesmo necessário.

Excerto 3: M2P2 (A12) – Apresentando justificativa

Por essa razão é urgente olhar para os efeitos psicológicos da experiência de isolamento social, muitas vezes as mães se sentem compelidas a renunciarem a atividades prazerosas e de autocuidado, que são condições relevantes para a manutenção de sua saúde física e mental.

Conjecturamos que a ocorrência desse passo em dois terços dos textos, que o caracterizaria como “convencional” ou “bastante estável” (Kanoksilapatham, 2023), deve-se ao fato de que os autores da cultura disciplinar de psicologia consideram importante reforçar a necessidade da pesquisa proposta, a fim de possibilitar a realização dos propósitos comunicativos do artigo. Em outros termos, essa estratégia retórica não apenas contextualiza o estudo como relevante para a disciplina, mas também estabelece sua relevância social e acadêmica mais ampla. No excerto, o autor, após apresentar evidências específicas de estudos anteriores, utiliza o elemento coesivo “por essa razão” para justificar a urgência de sua pesquisa. Essa estratégia retórica estabelece uma relação direta entre as conclusões dos estudos anteriores mencionados em M1P3 e a necessidade de investigação do tema proposto.

Com 08 ocorrências, outra estratégia do Movimento 2, opcionalmente mobilizada nos textos para “estabelecer um nicho” para a pesquisa, foi M2P1B, “Indicando uma lacuna”.

Excerto 4: M2P1B (A10) – Indicando uma lacuna

Todavia, pouca atenção tem sido dada pela literatura científica a essa importante relação [...] apenas um trabalho foi encontrado [...]. Embora se saiba que as imagens mais negativas e as expressões mais flagrantes de preconceito contra os negros se alteraram nas últimas décadas [...], não se dispõe de muita evidência empírica sobre como esses novos conteúdos dos estereótipos se associam às expressões explícitas e implícitas de preconceito.

Como se percebe, o passo é introduzido por um conectivo adversativo e é marcado por elementos linguísticos que sinalizam insuficiência no conhecimento científico (“apenas um trabalho”; “não se dispõe de muita evidência empírica”). Trata-se de uma estratégia retórica poderosa, em que o escritor se apresenta como alguém que conhece tanto o estado da arte como a relevância do tema que deseja estudar. O argumento desse passo segue-se como um desenvolvimento previsível do estabelecimento do território de pesquisa via citação de trabalhos anteriores, realizado no Movimento 1.

Completando a exposição e discussão dos passos mais recorrentes no Movimento 2, encontramos M2P1C como outra estratégia valorizada pelos pesquisadores, também como 08 ocorrências no conjunto dos textos. Conforme Swales (1990), esse passo se caracteriza por colocar uma questão ou problema diante da pesquisa existente, de modo a legitimar a realização do novo estudo sobre a temática. O excerto 5, que ocorre no texto de origem logo após a referência ao pensamento do teórico que embasa o estudo, ilustra bem o funcionamento do passo.

Excerto 5: M2P1C (A23) – levantando questionamentos

O discurso universitário seria a modalidade discursiva que melhor articularia o impacto discursivo do capitalismo ou isso caberia ao discurso do capitalista proposto em 1972? *A formulação dessa questão sob a forma de um “ou ... ou” não é o que tomamos como direção [...]*

No caso em apreço, a questão é explicitada diretamente e marcada pelo ponto de interrogação. Outras vezes, a realização desse passo pode se dar por meio de uma pergunta indireta, como mostra Swales (1990). Aqui, porém, o fato de que a pergunta será tratada como questão de pesquisa é sinalizado até mesmo quando o pesquisador declara que não “tomará como direção” tratá-la como uma questão de sim ou não.

O Movimento 3, “Ocupando o nicho”, abrange as estratégias disponíveis para que o pesquisador apresente sua proposta para preencher a lacuna ou responder ao questionamento levantado no Movimento 2. Em nosso corpus, as estratégias preferidas foram M3P1A, “Esboçando propósitos”, o correlato M3P1B, “Anunciando a presente pesquisa” e M3P3A, “Esclarecendo conceitos”. O primeiro se mostrou recorrente em 27 textos, enquanto os últimos tiveram 14 ocorrências cada. Vamos aos exemplos e à respectiva discussão.

Excerto 6: M3P1A (A17) - Esboçando propósitos

Assim, este artigo tem o objetivo de apresentar e discutir o conceito de representações profissionais, situando o leitor sobre elementos teóricos que as distinguem e que as aproximam das representações sociais.

Na introdução do artigo de pesquisa, a realização de M3P1A, ou seja, a explicitação do objetivo da pesquisa é uma informação crucial e, nos parece, esperada pela comunidade acadêmica, até como um modo de deixar claro o que distingue o estudo proposto de outros já realizados. Dentre as várias formas de enunciar o objetivo, algumas são mais diretas e bem sinalizadas linguisticamente. Nosso exemplo ilustra bem isso, quando claramente vincula “este artigo” ao termo “objetivo”. Notar, inclusive, a personificação do artigo científico como uma entidade que “tem” um objetivo, em uma formulação um tanto tradicional, na qual a pessoa do autor se esvai por trás da linguagem adotada. Formas mais indiretas, porém mais pessoais, de delinear o objetivo, também foram detectadas em nosso *corpus*, como quando se usam formas verbais como “pretendemos”, indicando a intenção dos autores em relação ao estudo. Perceba-se, no entanto, que o uso da primeira pessoa no plural não indica necessariamente a existência de mais de um autor, mas apenas a parcimônia em utilizar a primeira do singular.

Excerto 07: M3P1B (A5) – Anunciando a presente pesquisa

Este texto apresenta considerações teórico-práticas extraídas de trabalho desenvolvido em nível de pós-doutorado, vinculado à pesquisa ‘Transmissão e Filiação’, inscrita no Comitê de Ética em Pesquisa [...], e com bases em recente pesquisa doutoral. Partiremos das noções freudiana e lacaniana de ‘desamparo’ e da concepção de ‘ação específica’ [...]. Discutir-se-ão os conceitos mencionados, aplicando-os à análise de um caso [...]

Ao optar por essa estratégia, recorrente em 14 introduções, o autor do artigo mostra ao leitor em que consiste a pesquisa, não delineando o objetivo, mas descrevendo as partes que compõem textualmente o trabalho, ou mesmo as etapas seguidas na pesquisa. Com isso, em certa medida antecipa, na introdução, o que o leitor poderá ler mais detalhadamente no corpo do trabalho. Com isso, os autores eventualmente se sentem dispensados de apresentar um objetivo claramente definido para o estudo. Entretanto, nosso *corpus* apresentou uma quantidade razoável de casos em que as duas estratégias coocorrem no mesmo texto.

Para encerrar a discussão de nossos destaques no Movimento 3, chegamos a M3P3A, “Esclarecendo conceitos”, estratégia em que o autor procura tanto orientar o leitor sobre o entendimento de algum termo técnico como deixar clara a acepção em que está utilizando esse termo. Como a anterior, essa estratégia foi utilizada 14 vezes em nosso *corpus*.

Excerto 08: M3P3A (A7) – Esclarecendo conceitos

O altruísmo vem sendo conceituado de inúmeras e distintas maneiras (Rodrigues et al., 1999; Batson & Powell, 2003; Chou, 1996 [...]). As definições se alteram de acordo com diferentes variáveis, uma heterogeneidade que dificulta a

definição precisa do termo [...]. Uma das tentativas menos subjetiva de *conceituação* da terminologia surgiu do estudo de Vilalva e Lohr (2019, p. 151), que buscaram compreender o altruísmo enquanto comportamento aprendido.

É importante observar, nesse exemplo, como as estratégias retóricas não são etapas estanques na construção do trabalho de pesquisa. Os movimentos e passos retóricos não são unidades gramaticais ou estruturais propriamente, e sim unidades funcionais. Não são orações, períodos ou parágrafos. Assim é que, no excerto 08, o passo “Esclarecendo conceitos” (M3P3A) se entrelaça com “Resenhando pesquisas anteriores” (M1P3) na mesma estrutura sintática, tornando-se inviável delimitar as fronteiras formais de cada estratégia. Lembramos, por oportuno, que alguns passos podem se mostrar recorrentes dentro do mesmo texto, configurando o que Swales (1990) chamou de “ciclicidade”. É o que frequentemente ocorre com M1P3, que pode se realizar em diversos pontos da mesma introdução.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista da análise sociorretórica de gêneros, a maneira como cada cultura disciplina concebe a escrita deixa marcas nos seus textos, as quais podem ser identificadas, descritas e interpretadas por meio da análise de movimentos e passos retóricos. Neste estudo, a utilização do modelo CARS (Swales, 1990; 2004) para a análise das estratégias retóricas mobilizadas em um conjunto de textos da cultura disciplinar de psicologia possibilitou-nos oferecer uma amostra das peculiaridades da área na construção da seção de introdução de artigos científicos.

Tratando-se de um estudo exploratório, qualitativo, baseado em uma amostra de pequena escala, não é o caso de oferecer generalizações. Entretanto, considerando apenas o escopo de nosso estudo, algumas observações podem ser tecidas, inclusive como pistas para investigações posteriores.

Uma observação mais geral, porém não menos relevante, diz respeito tanto à escrita do artigo científico em psicologia como ao modelo CARS. A expressiva confirmação da ocorrência dos três movimentos previstos pelo modelo evidencia, por um lado, que a comunidade científica de psicologia compartilha muitas das convenções vigentes na academia em geral, no que tange à produção do artigo científico e, em particular, da seção de introdução. Por outro lado, os resultados apontam para o potencial analítico do modelo, que em inúmeros estudos vem sendo instrumental para revelar regularidades e instabilidades na escrita de introduções de artigos em diversas áreas do conhecimento.

A segunda observação é sobre a diversidade de estratégias mobilizadas pelos pesquisadores para a tessitura dos movimentos retóricos. O leque completo de 16 passos previstos pela ferramenta de análise é utilizado em algum momento nas introduções, embora a frequência de uso de cada estratégia varie significativamente. Especificamente, a estratégia mais utilizada foi, como vimos, M1P3, “Resenhando pesquisas anteriores”, recorrente em todos os textos. Inversamente, M2P1A, “Contra-

argumentando”, ocorreu apenas duas vezes como estratégia de estabelecimento do nicho para a pesquisa. Considerando-se todas as ocorrências, o Quadro 2 permite constatar que somente três passos ocorrem entre vinte e trinta vezes. Outros três ocorrem mais de dez e menos de vinte vezes, enquanto os dez passos restantes ocorrem menos de dez vezes cada um. Esse dado é significativo para a concepção do gênero como um construto tanto estável quando maleável, convencional, mas aberto à agência do escritor.

Quanto aos passos mais recorrentes, cabe observar que se distribuem um em cada movimento retórico da introdução do artigo em psicologia. Esse resultado permite afirmar que, conforme nossa amostra de textos, a construção preferencial da introdução do artigo de pesquisa em psicologia exige, primeiramente, estabelecer um território de pesquisa muito bem fundamentado na literatura da área (Movimento 1); em seguida, argumentar de modo consistente sobre a necessidade ou a relevância do estudo proposto (Movimento 2); e, finalmente, apresentar com clareza o objetivo do trabalho (Movimento 3). Esta seria a espinha dorsal da introdução do artigo científico da área de psicologia, conforme nossos dados.

Ainda sobre a estratégia retórica M1P3, único passo cem por cento recorrente no *corpus*, cabe pontuar que, assim como verificado no estudo de Abreu (2016), muitos artigos contidos em nosso *corpus* não apresentam uma seção específica para a revisão de literatura, o que contribui para tornar as introduções dos artigos mais extensas e mais densas do ponto de vista das citações de pesquisas anteriores.

Enfim, este estudo oferece, de acordo com o objetivo previamente estabelecido, uma visada exploratória da organização retórica da seção de introdução em artigos científicos da área disciplinar de psicologia, atentando para os movimentos e passos realizados nos textos, assim como para as pistas linguísticas que os indiciam. Estudos futuros podem contribuir para consolidar os resultados aqui apresentados, inclusive agregando à análise de movimentos métodos adicionais que possibilitem captar, por outros meios além dos textos, os propósitos e as intenções comunicativas da comunidade discursiva em questão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N. O. O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de psicologia: um estudo sociorretórico. 2016. 214 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- BAZERMAN, C. Gênero, agência e escrita. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. Recife: Pipa Comunicação; Campina Grande, PB: EDUFPG, 2020.
- BERNARDINO, C. G.; ABREU, N. O. A seção de introdução em artigos acadêmicos experimentais da cultura disciplinar de psicologia: um estudo sociorretórico. Raído, v. 11, n. 27, p. 463–482, 2017.
- BEZERRA, B. G. O gênero como ele é (e como não é). São Paulo: Parábola Editorial, 2022.
- BEZERRA, B. G.; SILVA, I. N.; LEDO, A. C. O. Escrita acadêmica e organização retórica da introdução de artigos científicos em duas áreas disciplinares. Investigações, v. 34, n. 2, p. 1-29, 2021.
- BIASI-RODRIGUES, B; BEZERRA, B. G. Propósito comunicativo em análise de gênero. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 231-249, jan./abr. 2012.
- BRASILEIRO, A. M. M.; OLIVEIRA, A. R.; SOUZA, K. C.; PIMENTA, V. R. Escrita acadêmica no campo da educação: orientação retórica em introduções e conclusões de artigos científicos. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 64, p. e022015, 2022.
- FREITAS, T. L.; BERNARDINO, C. G.; PACHECO, J. T. S. A construção sociorretórica da seção de introdução em artigos acadêmicos da cultura disciplinar da área de história. Alfa: Revista de Linguística, São José do Rio Preto, SP, v. 65, p. e12702, 2021.
- HYLAND, K. Disciplinary discourse: social interactions in academic writing. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.
- KANOKSILAPATHAM, B. Stand-alone conclusion section in open-access research articles: organizational structure. Journal of Language and Education, v. 9, n. 3, p. 79-89, 2023.
- LÊDO, A. C. O.; BEZERRA, B. G.; PIMENTEL, R. L. Estratégias retóricas em uso na seção de considerações finais de artigos em linguística. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 23, p. 1-21, 2023. e-1982-4017-23-29.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MORENO, A. I.; SWALES, J. M. Strengthening Move Analysis Methodology towards Bridging the Function-Form Gap. English for Specific Purposes, v. 50, p. 40-63, 2018.
- PACHECO, J. T. S.; BERNARDINO, C. G. Uma análise sociorretórica de introduções em artigos originais da cultura disciplinar da área de nutrição. Fórum Linguístico, v. 14, n. 1, p. 1749-1766, 2017.

RITTI-DIAS, F. G.; BEZERRA, B. G. Análise retórica de introduções de artigos científicos da área da saúde pública. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 12, n. 1, 2013.

SILVA, T. S.; PACHECO, J. T. S. A configuração retórica da seção de introdução em artigos acadêmicos da área de Educação Física. *Letras, Curitiba*, v. 21, n. 32, p. 1-20, mar. 2019.

SWALES, J. M. *Aspects of articles introductions*. Birmingham, UK: The University of Aston, Language Studies Unit, 1981.

SWALES, J. M. Research into the structure of introductions to journal articles and its application to the teaching of academic writing. In: WILLIAMS, R.; SWALES, J. M.; KIRKMAN, J. (ed.). *Common ground: shared interests in ESP and communication studies*. Oxford: Pergamon Press, 1984. p. 77-86.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. *Research genres: explorations and applications*. New York: Cambridge University Press, 2004.